

Adriana Bebiano
Faculdade de Letras e Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

**"Mulheres que escrevem: se sempre foi assim
porque é que tem de ser diferente?"**

Escola Secundária D. Maria – outubro 2016

Ana Luísa Amaral (n. 1956)
Inês e Pedro quarenta anos depois



É tarde. Inês é velha.

Os joelhos de Pedro não o deixam caçar

e passa o dia todo em solene toada:

“Mulher que eu tanto amei, o javali é duro!

Já não há javalis decentes na coutada

e tu perdeste aquela forma ardente de temperar

Os grelhados!”

Mas isto Inês nem ouve:

não só o aparelho está mal sintonizado,

mas também vasto é o sono

e o tricot das palavras do marido

escorrega-lhe, dolente, dos joelhos

que outrora eram delícias,

mas que agora uma artrose tornou tão reticentes.

ALA, Inês e Pedro quarenta anos depois (2)

Inês é velha, hélas,
e Pedro tem cãibras no tornozelo esquerdo.
E aquela fantasia peregrina
que o assaltava, em novo,
quando a chama era alta e o calor
ondeava no seu peito),
de ver Inês em esquife,
de ver as suas mãos beijadas por patifes
que a haviam tão vilmente apunhalado:
fantasia somente,
fulgor que ele bem sabe ser doença
da imaginação.

ALA, Inês e Pedro quarenta anos depois (3)

O seu desejo agora
era um bom bife
de javali macio
(e ausente desse horror de derreter
neurónios).

Mais sábia e precavida (sem três dentes
da frente),

Inês come, em sossego,
uma papa de aveia.

Adrienne Rich (USA, 1929-2012)
The Dream of a Common Language (1978)

No one's fated or doomed to love anyone.

The accidents happen, we're not heroines,
they happen in our lives like car crashes,
books that change us, neighborhoods
we move into and come to love.

Tristan and Isolde is scarcely the story,
women at least should know the difference
between love and death. No poison cup,
no penance. Merely a notion that the tape-recorder
should have caught some ghost of us: that tape-recorder
not merely played, but should have listened to us,
and could instruct those after us:

This we were, this is how we tried to love,
and these are the forces they have ranged against us,
and these are the forces we have ranged within us,
within us and against us, against us and within us.



Adrienne Rich (USA, 1929-2012)

O Sonho de uma Língua comum (2008)

Tradução: Maria Irene Ramalho e Mónica Varese Andrade

Ninguém está destinada ou condenada a amar seja quem for.

Os acidentes acontecem, não somos heroínas,

acontecem nas nossas vidas como desastres de carro,

livros que nos mudam, bairros

para onde nos mudamos e de que aprendemos a gostar.

Tristão e Isolda não é propriamente a história,

as mulheres pelo menos deviam saber a diferença

entre o amor e a morte. Nenhuma taça de veneno,

nenhuma penitência. Apenas uma noção de que o gravador

devia ter captado um vislumbre de nós: esse gravador

não apenas tocado, mas devia ter-nos escutado,

e dado instruções a quem vem depois de nós:

Isto fomos, foi assim que tentámos amar

e estas são as forças que tínhamos alinhadas contra nós,

e estas são as forças que tínhamos alinhadas dentro de nós,

dentro de nós e contra nós, contra nós e dentro de nós.

Lettres Portugaises (Paris, 1669)

(*Cartas de amor de uma freira portuguesa* atribuídas a Mariana Alcoforado)

Mas não pretendo provar-lhe com boas razões que me devia amar. Fracos meios seriam estes, e eu outros usei bem melhores sem nenhum resultado. Conheço de sobra o meu destino para tentar mudá-lo. Hei-de ser toda a vida uma desgraçada! Não o era já quando o via todos os dias? Morria de medo que me não fosse fiel; queria vê-lo a cada momento e isso não era possível; inquietava-me com o perigo que corria ao entrar neste convento; não vivia quando estava em campanha; desesperava-me por não ser mais bonita e mais digna de si; lamentava a mediocridade da minha condição; pensava nos prejuízos que lhe podia acarretar a afeição que parecia ter por mim; imaginava que não o amava bastante; receava, por si, a cólera da minha família; enfim, encontrava-me num estado tão lamentável como aquele em que estou agora.

Novas Cartas Portuguesas (1972)

Maria Isabel Barreno (1939-2016), Maria Velho da Costa (n.1938) e Maria Teresa Horta (n.1937)



O Pai

Era perversa:

dormia toda nua, os peitos soltos e brandos e muito brancos e expostos tal como os seus mamilos largos, róseos, distendidos.

Durante o dia andava pela casa com as blusas desabotoadas e sentava-se de qualquer maneira com os fatos a subirem-lhe sempre a meio das coxas, deixando antever entre as pernas uma escuridão macia, amolentada na sua meia penumbra. (...)

Era perversa:

Trazia os cabelos em desalinho e mornos de sono quando o beijava de manhã a dar-lhe os bons dias, com uma distração de hábito tomada. (...)

Novas Cartas Portuguesas (2)

“Tens de deixar esta casa – disse-lhe numa voz neutra, monocórdica – não podemos continuar a viver todos juntos na mesma casa depois do que se passou. Foste a culpada de tudo, bem sabes como foste a culpada de tudo, eu sou homem: sou homem e tu és provocante, perversa. (...) Tu percebias, sei que percebias, que sabias como me punhas. Eu sou homem minha puta.”

- Claro que sou uma puta, podes estar tranquilo, pai, sou uma puta.
- Grande cabra – chamou-lhe a mãe quando ela se dirigia para a porta da rua, agarrada às paredes para não cair.
- Grande cabra.

Adília Lopes (n. 1960)
Mariana e Chamilly



Quando partires
se partires
terei saudades
e quando ficares
se ficares
terei saudades

Terei
sempre saudades
e gosto assim

Florbela Espanca (1894-1930)

Amar!

Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: Aqui... além...
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente
Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...
Prender ou desprender? É mal? É bem?
Quem disser que se pode amar alguém
Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma Primavera em cada vida:
É preciso cantá-la assim florida,
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei-de ser pó, cinza e nada
Que seja a minha noite uma alvorada,
Que me saiba perder... pra me encontrar...



Adília Lopes

Um jogo muito perigoso, (1985)

Eu quero foder foder
achadamente
se esta revolução
não me deixa
foder até morrer
é porque
não é revolução
nenhuma (...)

e canta
contente
porque há alegria
no trabalho
o choro da bebé
não impede a mãe
de se vir
a galinha brinca
com a raposa
eu tenho o direito
de estar triste

Fiama Hasse Pais Brandão (1938-2007)

Metafísica

Todas as árvores apaziguam
o espírito. Debaixo do pinheiro bravo
a sombra torna metafísica
a silhueta de tronco e copa.
Em volta da ameixoeira temporã
vespas ensinam aos meus ouvidos
louvores. As oliveiras não se movem
mas as formas da essência desenham-se
cada dia com o vento. //

Na sombra os frémitos
acalentam o pensamento
até ao não pensar. Depois
até sentir a vacuidade
no halo das flores que o envolve.
Sob as oliveiras, por fim,
que não se movem contorcendo-se,
concebe o não conceber.



Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004)

Retrato de uma princesa desconhecida

Para que ela tivesse um pescoço tão fino
Para que os seus pulsos tivessem um quebrar de caule
Para que os seus olhos fossem tão frontais e limpos
Para que a sua espinha fosse tão direita
E ela usasse a cabeça tão erguida
Com uma tão simples claridade sobre a testa
Foram necessárias sucessivas gerações de escravos
De corpo dobrado e grossas mãos pacientes
Servindo sucessivas gerações de príncipes
Ainda um pouco toscos e grosseiros
Ávidos cruéis e fraudulentos

Foi um imenso desperdiçar de gente
Para que ela fosse aquela perfeição
Solitária exilada sem destino



Anna Hatherley (1929-2015)

Tisanas inéditas



- Nº 238 – O que pensará uma formiga ao ser contemplada por uma mosca poisada na parede? Quanto mais se pensa no sofrimento mais se compreende que tudo é devido a um incomensurável não-saber.
- Nº 241 – era uma vez uma pessoa que andava sempre com uma palavra debaixo da língua. Quando a tinha na ponta falava, dando pequenos estalos de prazer. Depois lambia os beiços gulosamente. Estamos aqui à espera de quê? Imagina-acção.

Eiléan Ní Chuiléanáin (IR, .1942)

In the Mountains

Do you remember the dark night
When the voice cried from the yard
Asking for water, and you rose from the bed.
You were gone so long, I said to myself at last
As long as I live I will never ask who was there.

But now I want to ask that question.
I see you at the boundary stone and I need
To say the word that will bring her out of the trees:
Notice her: she limps to the field's edge;
A step, a clutch at the baldrick, a hand to her hair.

The little stony stream divides forest from field.
She looks away. The wooden scene accentuates
The grace that says *look – don't look* wavering
Like the spring breeze tossing the leaves, her draperies
Hesitant, her flexed foot on dappled gravel.



Eiléan Ní Chuileanáin (IR, 1942)
Nas montanhas. trad: Adriana Bebiano

Lembras-te da noite escura

Quando a voz vinda do quintal bradou

Pedindo água, e te levantaste da cama.

Estiveste lá fora tanto tempo que eu me prometi

Enquanto viver, nunca hei-de perguntar quem era.

Mas quero agora fazer essa pergunta.

Vejo-te junto do marco da fronteira e preciso

Dizer a palavra que a fará surgir do bosque:

Repara bem nela: coxeia até a borda do campo:

Um passo, um segurar da cinta, uma mão pelo cabelo.

O ribeiro rochoso e estreito divide campo e floresta.

Ela desvia o olhar. A moldura do bosque sublinha

A graciosidade que diz olha – não olhes agora vacilando

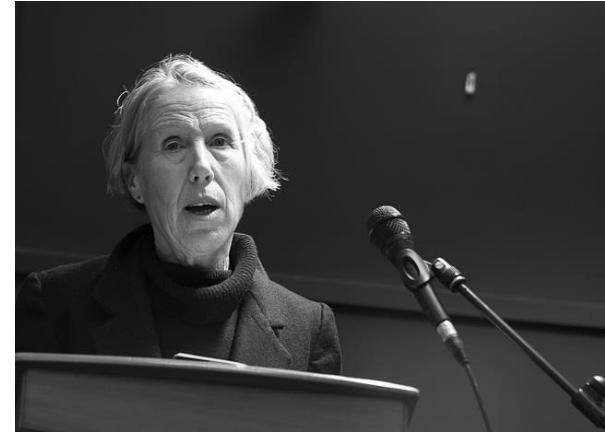
Como a brisa que agita as folhas, a roupagem dela,

Hesitante o pé flectido no cascalho onde se projetam sombras.

Kerry Hardie (IR, 1951)

The Ship of Death

Watching you, for the first time,
turn to prepare your boat, my Mother;
making it clear you have other business now
– The business of your future –
I was washed-through with anger. (...) //
How can you plan going off like this
when at last we stand close enough, if the wind is right,
to hear what the other is saying?
I never thought you might do this, turning away,
mid-sentence, your hand testing a rope, //
your ear tuned
to the small thunder of the tuning wave
on the edge of the great-night sea,
not one bit regretful or afraid –
anxious only for the tide.



Kerry Hardie (IR, 1951) O Barco da Morte Trad: Adriana Bebiano

Ao olhar-te assim pela primeira vez
virando-te para preparar o barco, Mãe;
tornando claro que agora tens outros assuntos
– os assuntos do teu próprio futuro –
fui inundada pela fúria. (...) //

Como pões planear ir embora assim
quando finalmente estamos perto
e nos ouvimos, quando o vento sopra de feição?
Nunca pensei que pudesses fazer isto, virar-me as costas
A meio de uma frase, a tua mão experimentando a corda //

O ouvido atento
À pequena trovoada de uma onda que quebra
À beira do mar da grande-noite,
Nem um pouco arrependida, nem temerosa –
Apenas ansiosa pela maré.

Carol Ann Duffy (Scotland, b. 1955)

Frau Freud

Ladies, for argument's sake, let us say
that I've seen my fair share of ding-a-ling, member and jock,
of todger and nudger and percy and cock, of tackle,
of three-for-a-bob, of willy and winky; in fact,
you could say, I'm as au fait with Hunt-the-Salami
as Ms. M. Lewinsky – equally sick up to here
with the beef bayonet, the pork sword, the saveloy,
love-muscle, night-crawler, dong, the dick, prick,
dipstick and wick, the rammer, the slammer, the rupert,
the shlong. Don't get me wrong, I've no axe to grind
with the snake in the trousers, the wife's best friend,
the weapon, the python – I suppose what I mean is,
ladies, dear ladies, the average penis – not pretty...
the squint of its envious solitary eye...one's feeling of
pity...



Carol Ann Duffy (Escócia, 1955)

A mulher de Freud

Tradução coletiva da turma 2C do 12.º Ano do ano letivo 2010-2011 (Escola Avelar Brotero). Docente: Maria Helena Loureiro

Minhas senhoras, em bom rigor, digamos que
já tive a minha dose de mastro, membro e marsapo,
de ponteiro e pirilau e pica e pau, de bordalo
e badalo, de pirola e bitola; de facto,
podeis dizer, que estou tão au fait com o tringolho
como a Senhora Dona M. Lewinski – cheia até aqui
com a banana, o besugo, a salsicha,
malho, bregalho, flauta, gaita, pincel,
basalto e martelo, pistão, lampreão, pantaleão,
penduricalho. Não me interpretem mal, não sou pelo enxovalho
do sardão, do sabordalhão,
da tromba e do trombone – se assim falo
minhas senhoras, minhas caras senhoras, é que o pénis comum – bonito não é ...
aquele olho pisco, invejoso e só ... o nosso
dó ...

Maria Teresa Horta
Minha Senhora de Mim (1971)

É corpo para
ofertar
no lençol sem abrigo
a seu amigo
É corpo-alva
de amar
no lençol sem abrigo
a seu amigo
é corpo justo
ao desejo

no lençol sem abrigo
a seu amigo



Margarida Vale de Gato (n. 1973)

Cat People

Curiosa a tribo que formamos, sós
que somos sempre e à noite pardos,
fuzis os olhos, garras como dardos,
mostrando o nosso assanho mais feroz:

quando me ataca o cio eu toda ardo,
e pelos becos faço eco, a voz
esforço, estico e, como outras de nós,
de susto dobro e fico um leopardo

ou ando nas piscinas a rondar –
e perco o pé com ganas sufocantes
de regressar ao sítio que deixei

julgando ser mais fundo do que antes.
A isto assiste a morte, sem contar
as vidas que levei ou já gastei.

